

RESUMO

Esta dissertação tem por sentido a investigação da idéia do esquecimento dentro da filosofia da diferença. Para tanto, toma como referencial as proposições elaboradas por Deleuze como também seus pares dentro do escopo educativo , questionando-se se valeria a pena uma educação para o esquecimento, ou até mesmo se a filosofia da diferença se sustentaria através de uma territorialização do esquecer.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença, Esquecimento, Educação

ABSTRACT

This dissertation research is towards the idea of forgetting within the philosophy of difference. To do so, taking as reference the propositions elaborated by Deleuze as well as their peers within the educational scope, it wonders if it would be worth an education into oblivion, or even if the philosophy of difference sustain itself through a territorialization of forgetting.

Keywords: Philosophy of Difference, Oblivion, Education

Introdução

Nós habitamos ,pois, essas cavidades, embora não notemos: cremos que estamos a morar na superfície superior da Terra , da mesma forma como acreditaria morar na superfície do oceano aquele que habitasse o seu fundo, pois, vendo o sol e os demais astros através da água , haveria de tomar o oceano por um céu.Sua indolência e fraqueza jamais lhe permitiria vir à flor do mar , nem uma vez emerso da água e volvida a cabeça na direção desses lugares , ver como são mais puros e mais belos que os outros , sobre os quais aliás ninguém o poderia informar, por jamais tê-los visto. É mais u menos a mesma coisa o que sucede a nós. Morando num buraco da Terra, acreditamos estar em sua superfície exterior e damos ao ar o nome do céu, como se os astros de fato planassem no ar , nosso céu. O caso é bem o mesmo : por fraqueza e indolência estamos impossibilitados de subir até o ar superior. Se alguém escalasse a parte superior da Terra , ou voasse com asas , esse alguém haveria de contemplar o que existe por lá , e se sua natureza fosse bastante forte para lhe permitir uma observação prolongada , verificaria que aqueles é que são o céu verdadeiro , a luz verdadeira , e a Terra verdadeira - assim como os peixes , que sobem do mar , vêem o que há em nossa Terra!¹

Percebe-se dentro do campo acadêmico certo sedentarismo, mesmo diante de inúmeras maneiras de se escutar e dar voz ao objeto de estudo. A lógica de pensamento é retrospectiva. Tende sempre a lançar para o passado, como possibilidade, as realidades atuais.

Diante de tantos ataques , proteções , objetivações e subjetivações como podemos alcançar um descaminho algo novo que supere o já dado. Transformar poemas em formas legítimas de fazer ciências,

¹ PLATÃO,*Fédon*, *Os pensadores* p. 109

porque não? O método deve se demonstrar mais como um processo de codificação , tomando a idéia não como saber constituído, terminado , mas sim ligada ao sentimento do infinito, um eterno por vir. Encarar os dogmas , através das transversalidades propostas pelo método . Buscar a rigidez e a uniformidade sem perder o caráter sensível que o trato com a realidade nos proporciona.

Articular o pensamento e a vida , o devir a uma nova concepção de historia , conceber os encontros nem sempre amigáveis , que irão brotar . Deixar eclodir o novo. A negação do plano representacional proposto pelo pensamento hegemônico nos propicia novas interpretações acerca de dados tidos como invariáveis , sujeitos pré-formados , objetivações , territorializações e estratificações.

Ter ciência do prazer que pode emergir do sofrimento , das duvidas e obstáculos. Desenvolver a sutileza do método para efetivar –se uma interpretação bruta da existência efetiva , ao invés de um jogo razoável de significações de objeto , representações de sujeito e configurações de códigos.

Nesse sentido, a individuação torna-se um problema, já que partindo de espaço pré-individual , não submetido a modelos e fora de uma idéia de representação , as intensidades heterogêneas passam a se comunicar não mais por correspondência ou uma identificação mutua, mas sim pela relação complexa entre os heterogêneos. Por sua vez seria possível uma organização das intensidades , as series de paradoxos que as mesmas formam , as ressonâncias internas , os movimentos forçados e etc?²

² Referencias a idéia de antropologia simétrica por exemplo.

De forma implacável, a manifestação do problema que temos em mãos se apresenta com a seguinte pergunta: afinal como damos movimento ao pensamento?

Dentro da epistemologia moderna , o iluminismo nutre a esperança de uma relação de caráter privilegiado do sujeito para com o seu objeto, límpida , a partir do qual possa se explicar o caos do mundo e se possa chegar a tão gloriosa verdade. O caráter de emancipação que o conhecimento nos apresenta , está fundado dentro da perspectiva de que um dia o encontro entre homem e verdade balizado pela razão . Para o contexto educacional , tal determinante nos traz dois tipos de reflexões : a crença em um sujeito de caráter ontológico, uma consciência que se enraíza na razão , e também uma verdade como fim último , alcançado pelo esclarecimento advindo da educação da razão. Para Nietzsche :

O que consegui então aprender , algo terrível e perigoso, um problema com chifres, não necessariamente um touro, por certo , em todo o caso um novo problema : hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma - a ciência entendida pela primeira vez como problemática , como questionável . - pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência .³

Amparados neste argumento, podemos indagar em relação a toda a arbitrariedade proveniente do discurso moderno , da busca do conhecimento até então realizado pela ciência. Fruto germinado da percepção proposta por uma cultura ocidental que não exige uma atenção própria ao processo no qual decorre as valorizações da verdade, cria-se aqui uma miragem que se relaciona a noção de certeza amparada pela finalidade do método empregado. O movimento do pensamento se daria aqui na medida em que não

³ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia* . p. 14-15.

encaramos como satisfatório sustentar que a liberdade nos liberta, é necessário dizer para que nos faz livres.

A eficácia do conhecimento para com os agenciamentos por ele realizado detém uma relativa importância, e ainda nos mostram como podemos realizar esse movimento no pensar. Inverter a própria relação do sujeito para com o objeto, negando-se a segurança proposta pela razão, transformar o próprio pensamento em sujeito da criação, tornando o impensado uma possibilidade, um estranhamento, logo movimento.

Cada sujeito exprime o mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista, é a própria diferença, a diferença interna absoluta. Cada sujeito exprime, pois, um mundo absolutamente diferente. E sem dúvida, o mundo expresso não existe fora do sujeito que o exprime (o que chamamos de mundo exterior é somente a projeção ilusória, o limite uniformizante de todos esses mundos expressos). Mas o mundo expresso não se confunde com o sujeito: dele se distingue exatamente como a essência se distingue da existência e inclusive da sua própria existência. Ele não existe fora do sujeito que o exprime, mas é expresso como a essência, não do próprio sujeito, mas do Ser, ou da região do Ser que se revela ao sujeito. Razão pela qual cada essência é uma pátria, um país; ela não se reduz a um estado psicológico, nem a uma subjetividade psicológica, nem mesmo a uma forma qualquer de subjetividade superior. A essência é a qualidade última do âmago do sujeito, mas esta qualidade é mais profunda do que o sujeito, é de outra ordem: "Qualidade desconhecida de um mundo único". Não é o sujeito que explica a essência, é, antes, a

essência que se implica , se envolve , se enrola no sujeito" ⁴

Dentro da concepção dos métodos caracterizados por uma ideia de representação, a diferença ao pensar a si mesma é tomada como algo que se relaciona , algo que extrapola as características do previsível . Por esse viés, as características sempre irão partir de um ponto referencial , e por ele podemos concluir que a própria diferença se instaura por nivelções de distanciamento e aproximação com o ponto referencial que é pré-configurado. Esta pré-configuração já é dada dentro da conceitualização , sem extrapola-la . A diferença , então, resulta de um sistema caracterizado pelo caráter de oposição e binarização.

O platonismo é o ópio dos fracos . E é por isso que ele só pode conceber o pensamento sob o signo de uma parada, como o contrario de uma viagem . Há dizem -nos a grande vaga das " opiniões", a flutuação da dúvida - depois o advento do saber , isto é , do repouso , que suprime o mal -estar.

[Sem agitação , e nenhum sofrimento , pois não deve/pode haver a fricção do movimento em qualquer velocidade , em pensamento .]

Pensar é encontrar a calma . Insensatos que acreditais que " tudo se move"; poderíamos sequer falar , poderíamos viver, meu caro Teeteto , se essa gente tivesse razão? ...

[em seus diálogos, Platão não encontra jamais quem queira ou possa retrucá-lo; mas consertemos o mundo ao nosso modo .]

- Insensatos , replica Nietzsche , que pretendeis que tudo se imobilize.⁵

Por uma ótica totalmente diferenciada, no plano da formulação de conceitos , a Filosofia da Diferença , aqui incluo junto à Deleuze

⁴ DELEUZE, G. Proust e os Signos , p.43

⁵ LEBRUN, G, *Por que ler Nietzsche* , hoje . p. 34

também Foucault, propõe uma liberação da diferença por parte desse pensamento pré-configurado . Pensamento que irá buscar a não dialética , não contradição , não negação e chegar a um pensamento a - categorizado sem adestramentos e conduções,oposto ao molde escolar que exige a resposta pronta, na medida em que foca seu escopo em problemas insolúveis permeados pela multiplicidade não confinada , máquina de guerra que combate pela sua ultrapassagem . Não tem-se mais como refletir a partir deste ponto, o que nos resta é diferir.

Assim ao lado da construção de " espaços interiores" próprios à mediação, à confissão , encontramos " itinerários intelectuais ", lugares de dialogo consigo mesmo , a exemplo daquele que conduz Marco Aurélio no que ele designa explicitamente como " Pensamentos para mim mesmo " . Por outro lado , Em Stirner , Kierkegaard e Nietzsche , a hipertrofia subjetiva toma a forma da invectiva , do jogo pseudonímico ou do delírio megalômano . Ora , todas essas formas ligam de uma maneira original o modo de desenvolvimento da reflexão e o estatuto concedido aos conceitos ou à crítica do uso dos conceitos .⁶

A grande maioria dos discursos praticados dentro da idéia de educação moderna acredita não se caracterizar por operações que são ligadas à criação de subjetividade, por essa concepção, tais personagens se limitam a se portar como mediadores na trajetória formativa do individuo , ou transmissores de conhecimentos de caráter objetivos , ambos indispensáveis para a realização do bom homem .

De um lado ,precisa levar o estudante a desenvolver sua inteligência , para

⁶ COSSUTA , F. *Elementos para a leitura os textos filosóficos* . p. 23

dominar bem o exercício do conhecimento e , de outro , a desenvolver outras formas de sensibilidade , a desenvolver sua subjetividade em toda gama de sensibilidades que constituem : a inteligência, a consciência ética , a consciência estética , a consciência social. É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos tornam efetivamente humanos . [...]. Sem a vivência subjetiva , continuamos como qualquer outro ser vivo puramente natural , regido por leis pré-determinadas, vale dizer , sem possibilidades de escolhas , sem reflexibilidade no comportamento.⁷

O paradigma da ciência moderna por sua vez , objetiva leis universais alicerçadas pelo ideal de cientificidade , resta uma educação de caráter determinista para as relações institucionais como para a própria produção de conhecimento como já foi debatido . Especialização e o caráter racional da organização do pensamento trazem o progresso , linearidade , finalidade , representação das verdades características do pressuposto moderno, narrativas unificadas de caráter macropolítico, diante de territórios demarcados. Como abrir espaço para uma proliferação de unidades constituídas pelo recorte de sujeitos?

O desafio está justamente em afirmar esse novo espaço do aprender como ato de criação subjetiva , livre de obstáculos entre o individuo e o saber, proporcionando tanto a um quanto ao outro ter ciência da sua situação diante do processo, de maneira singular.

Não ser inocente a ponto de lutar contra um tipo de dominação é o alerta que Foucault nos apresenta, não se trata aqui de construir modelos e buscar soluções de caráter universal, mas:

⁷ SEVERINO, A. *A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial* . p. 185,

A humanidade não progride lentamente , de combate em combate , até uma reciprocidade universal , em que as regras substituíram para sempre a guerra ; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras , e prossegue assim de dominação em dominação.

É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam . Em si mesmas as regras são vazias , violentas , não finalizadas ; elas são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao saber da vontade de uns ou de outros . O grande jogo da historia será de quem se apoderar das regras , de quem tomar lugar daqueles que as utilizam , de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto ; de quem , se introduzindo no aparelho complexo , o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. ⁸

⁸ FOUCAULT, M. *Nietzsche , a genealogia e a historia* . p. 26.

Conclusão:

Para não esquecer

Um estudo de carácter antropológico em relação ao esquecimento se mostra extremamente instigante mediante o fato que ao se estabelecer a apreensão do mundo exterior através do escopo do esquecimento percebemos que o mesmo não se dá somente através do emissor mas com os descolamentos advindos de outros receptores; Tal interpretação, arrisco dizer poderia ser realizada no âmbito religião , ciência e política.

A memória auxilia na absorção de linguagens , técnicas e o processos de criação e reinvenção da própria cultura , porém o que foi possível constatar foi que pelo escopo da filosofia da diferença não basta apenas o acumulo incessante do conhecimento , o “velho saber é poder” não nos limita, não é encarado como fim, tal filosofia necessita do esquecimento.

Diante desse pressuposto , fica latente o carácter passivo acerca de idéias que viabilização uma verdadeira domesticação do esquecimento, procura-se através de um pensar racional acumular conteúdos já que tal prerrogativa se coloca como condição de crescimento intelectual .

Não assumir a idéia de relação unilateral que não pressuporia direções contrárias, ou seja a memória se colocando acima do esquecimento, seria absurdo ? Nem tanto, vejamos a incorporação da ciência moderna , nas suas bases o esquecimento se faz presente e natural já que graduados em biologia por exemplo pura e simplesmente não seriam obrigados a ler *A Origem das Espécies* de Darwin? Constituída a ciência passa a esquecer o passado do próprio saber.

O sucesso de Picasso não relegou as pinturas de Rembrandt aos porões dos museus de arte. As obras primas do passado próximo e do mais distantes desempenham ainda um papel vital na formação do gosto do público e na iniciação de muitos artistas no seu ofício. Veem-se poucos cientistas nos museus de ciências, cuja única função é, em cada caso, comemorar ou recuar, e não produzir excelência na profissão. Diversamente da arte, a ciência destrói seu passado.” (Kuhn, 1985, p.381.)

Assim a conhecimento como pertencente a memória, e a dada incumbência de passá-la adiante é um pressuposto que deve ser revisto no plano teórico e metodológicos diante

de uma ciência da educação comprometida com a realidade na qual está inserida , de maneira nenhuma deve-se partir do princípio de um reino natural e externo a ser “memorizado” pelo mundo da cultura ou do social, ou seja, pensar a educação das crianças sem um pressuposto pautado no fato de considerá-las parte de um mundo natural, reino da biologia, reino dos instintos. A memória não deve ter um remetente e destinatário, assim como um endereço fixo.

Entre os povos que tomam invenções como o tempo, o crescimento ou a mudança como parte de seu fazer intencional, algo análogo à nossa memória é precipitado, mas não o concebem como memorial de algo, como artifício, e sim como o universo. Para essas populações, o convencional - gramática, relações de parentescos e todas as demais regras sociais - corresponde a uma distinção dada e motivante entre o inato e o artificial que é parte da essência imanente de todas as coisas, sendo seus contornos acessíveis apenas aos visionários e xamãs.

O objetivo é claro o homem ocidental tenta criar um mundo que a seus olhos seja previsível, racionalizável e ordenado , por outro lado tribos dos mais variados tipo , religiosos buscam criar um mundo conatural passível de mudança, reajuste e acima de tudo que possa receber ações , tal empreitada se potencializa com uma certa dose de esquecimento. Palco da improvisação inventiva , tal universo vai de encontro a nossa memória bibliotecária e possibilita a todo momento sua reinvenção.

Erro crucial é quando nos deparamos com iniciativas que viabilizam uma retomada da cultura perdida, ou seja , não possibilitamos o esquecimento da nossa própria cultura com seus valores , morais e etc e tentamos resgatar suas técnicas por exemplo , tal esforço impede que a própria cultura em questão crie e reinvente seus modos de vida ou estilos de criatividade que viabilizariam novas técnicas por exemplo . Desse certo modo a memória dentro de um escopo interpretativo nada mais faz do que estancar .

Longe de pressupor um fundo universal de realidade sobre o qual se assenta uma gama infinita de representações, Strathern (2005) propõe um fazer antropológico por meio de conexões parciais, que poderia ser sintetizado como um sistema de conexões heterogêneas enquanto heterogêneas. Nesse proceder,

interpretações e contra-interpretações produzem a pluralidade não por adição, mas por divisão e transformação, estando conectadas na sua diferença. Para tanto, Strathern toma de empréstimo de Donna Haraway(1985; 1988) a estética do *cyborg*: assim como um braço mecânico enxertado num corpo humano, por exemplo, o antropólogo deve experimentar um fosso epistêmico no qual um outro modo de pensamento é enxertado, resultando numa conexão de matérias heterogêneas, que não configuram uma unidade, mas tampouco resultam em dois. É essa matemática que não opera por números inteiros que Strathern propõe para a análise antropológica.(Viveiros de Castro)

Em suma a cisão entre memória e esquecimento e sobretudo o seu marco divisório está em crise . Borges em *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* , narra que o mundo onde se realizava uma metafísica idelaista , certas artefatos, frutos de crenças e desejos, terminavam por se tornar-se reais, interferindo na realidade. Com a memória acontece o mesmo até que ponto devemos nos esquecer de esquecer?

